

ANTHONY DOERR

# Toda luz que não podemos ver

TRADUÇÃO DE MARIA CARMELITA DIAS



Copyright © 2014, Anthony Doerr

TÍTULO ORIGINAL

All the Light We Cannot See

REVISÃO

Bruna Cezario

Clarissa Peixoto

Juliana Pitanga

Marcela Lima

DIAGRAMAÇÃO

editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D673t

Doerr, Anthony

Toda luz que não podemos ver / Anthony Doerr ; tradução  
Maria Carmelita Dias. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

528 p. ; 23 cm.

Tradução de: All the light we cannot see

ISBN 978-85-8057-697-9

1. Ficção americana. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

15-19529

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Wendy Weil*  
1940-2012



Em agosto de 1944, a histórica cidade murada de Saint-Malo, a joia mais esplendorosa da Costa da Esmeralda, na Bretanha, França, foi quase totalmente destruída pelo fogo... Das 865 construções no interior das muralhas, apenas 182 permaneceram de pé, e todas sofreram algum tipo de dano.

— Philip Beck

Não fosse pelo rádio, seria impossível para nós tomar e exercer o poder da maneira como fizemos.

— Joseph Goebbels



ZERO

---

7 DE AGOSTO DE 1944





## FOLHETOS

Ao anoitecer, eles jorram do céu. Pairam acima das muralhas, fazem acrobacias sobre os telhados, esvoaçam nos espaços entre as casas. Dançam em redemoinhos que preenchem ruas inteiras, salpicam de branco as pedras do pavimento. “Mensagem urgente para os habitantes desta cidade”, dizem. “Partam imediatamente para o campo aberto.”

A maré sobe. A lua pende pequena, amarela e quase cheia. Nos telhados dos hotéis à beira-mar, ao leste, e nos jardins atrás deles, meia dúzia de unidades de artilharia norte-americanas desliza bombas incendiárias pelas bocas dos morteiros.

## BOMBARDEIROS

Eles atravessam o Canal à meia-noite. São doze, batizados com nomes de canções: “Stardust” e “Stormy Weather” e “In the Mood” e “Pistol-Packin’Mama”. Muito abaixo, o mar os acompanha atravessado por incontáveis faixas de espuma branca. Em pouco tempo, o luar permite discernir uma calosidade formada por ilhas agrupadas ao longo do horizonte.

A França.

Comunicadores estalam. Meticulosamente, quase com preguiça, os aviões de bombardeio diminuem a altitude. Fachos de luz vermelha ascendem de baterias antiaéreas espalhadas pela costa. Navios devastados emergem das sombras, danificados ou destruídos, um deles com a proa ceifada, outro fulgurando em chamas. Em uma ilha mais afastada, ovelhas em pânico zigzagueiam por entre as pedras.

Dentro de cada aeronave, um artilheiro observa pela mira de um visor e conta até vinte. Quatro cinco seis sete. Para os pilotos, a cidade murada em seu promontório de granito, cada vez mais próxima, se parece com um dente podre, profano e perigoso, pronto para ser arrancado.

## A GAROTA

Em uma esquina da cidade, no sexto e último piso de uma construção alta e estreita — Rue Vauborel, número 4 —, uma garota cega de dezesseis anos chamada Marie-Laure LeBlanc está de joelhos no chão, inclinada sobre uma mesa baixa inteiramente tomada por uma maquete. A miniatura reproduz a cidade dentro da qual ela está ajoelhada e contém réplicas em escala das centenas de casas, lojas e hotéis dentro das suas muralhas. Há a catedral, com seu pináculo perfurado, e o robusto e velho Château de Saint-Malo, além de filas e filas de mansões à beira-mar coroadas com chaminés. Um delgado quebra-mar de madeira se projeta em curva a partir de uma praia chamada Plage du Môle; um átrio delicado surge no entrecruzamento dos corredores do mercado de peixes; bancos minúsculos, menores que uma semente de maçã, pontilham as pequeninas praças públicas.

Marie-Laure desliza os dedos ao longo do parapeito de um centímetro de largura que encima as muralhas, uma estrela irregular que contorna toda a maquete. Ela encontra a abertura sobre as muralhas na qual quatro canhões cerimoniais apontam para o mar.

— Bastion de la Hollande — murmura a garota, e os dedos descem uma pequena escada. — Rue des Cordiers. Rue Jacques Cartier.

Em um canto do quarto estão dois baldes de metal com água até a borda. Encha-os, ensinara seu tio-avô, sempre que puder. A banheira no terceiro andar também. Quem sabe quando vai faltar água de novo?

Os dedos da garota voltam ao pináculo da catedral. Ao sul para o Portão de Dinan. Ela vem movimentando os dedos pelo modelo durante toda a tarde, à espera de seu tio-avô Etienne, o dono daquela enorme casa, que saiu na noite anterior enquanto ela dormia e ainda não retornou. E agora é noite novamente, outra volta do relógio, e o quarteirão inteiro está silencioso, e ela não consegue dormir.

Ela ouve os bombardeiros a cinco quilômetros de distância. Uma estática crescente. O ruído dentro de uma concha.

Quando levanta a vidraça da janela do quarto, o barulho dos aviões se torna mais alto. Exceto isso, a noite está ameaçadoramente silenciosa: nenhum motor, nenhuma voz, nenhum ruído. Nenhuma sirene. Nenhum passo no pavimento de pedras. Nem mesmo as gaivotas. Apenas a maré alta, a um quarteirão de distância e seis andares abaixo, batendo contra a base das muralhas da cidade.

E algo mais.

Algo que farfalha suavemente, muito próximo. Ela abre a veneziana esquerda da janela e desliza os dedos pelas lâminas da veneziana direita. Um pedaço de papel está alojado ali.

Ela o leva até o nariz. Tem cheiro de tinta fresca. Talvez de gasolina. O papel está seco; não está ali há muito tempo.

Marie-Laure hesita na janela, os pés calçados em meias, o quarto atrás de si, conchas arrumadas no alto do guarda-roupa, pedrinhas enfileiradas nos rodapés. A bengala dela está no canto; seu grande romance em braille espera em cima da cama com as páginas viradas para baixo. O ruído dos aviões aumenta.

## O RAPAZ

Cinco ruas ao norte, Werner Pfennig, um recruta alemão de dezoito anos e cabelos brancos, acorda com um leve ruído ritmado. Pouco mais do que um ronronar. Moscas batendo contra a vidraça de uma janela.

Onde ele está? O odor doce, químico, de óleo lubrificante; a madeira nova de caixotes recém-construídos; o cheiro de naftalina entranhado em lençóis velhos — ele está no hotel. Mas é claro. L'Hôtel des Abeilles, o Hotel das Abelhas.

Ainda é noite. Ainda é cedo.

Assobios e estrondos vêm do mar; a artilharia antiaérea está subindo.

Um cabo do grupo antiaéreo segue às pressas pelo corredor, dirigindo-se para a escadaria.

— Vá para o porão — grita sobre o ombro, e Werner acende a lanterna, enrolando o cobertor para guardá-lo na bolsa de lona e começa a descer para o saguão.

Há não muito tempo, o Hotel das Abelhas era um local alegre, com janelas de um azul vivo na fachada, ostras sobre o gelo em seu bistrô e garçons bretões de gravatas-borboletas lustrando os copos atrás do balcão. Oferecia vinte e um quartos, uma vista grandiosa para o mar e uma lareira do tamanho de um caminhão no saguão. Os parisienses tomavam drinques ali em seu tempo livre no fim de semana, e, antes deles, os eventuais emissários da República — ministros e vice-ministros, abades e almirantes —, e, nos séculos anteriores, navegantes com a pele curtida: matadores, saqueadores, piratas, marinheiros.

Antes disso, mesmo antes de ser um hotel, exatamente cinco séculos atrás, era a casa de um rico corsário, que abandonou a vida de pilhagem para estudar abelhas nos pastos ao redor de Saint-Malo, rabiscando anotações em cadernos e comendo mel direto dos favos. Os lintéis de carvalho das portas ainda exibem os zangões entalhados; a fonte coberta de hera no pátio tem o formato de uma colmeia. Os favoritos de Werner são cinco afrescos desbotados no teto dos aposentos de luxo do andar superior, onde abelhas do tamanho de crianças

flutuam em contraste com um fundo azul, grandes zangões preguiçosos e operárias com asas translúcidas — aposentos nos quais, acima de uma banheira hexagonal, uma abelha rainha solitária de quase três metros, com vários olhos e um abdômen de pelugem dourada, se contorce no teto.

Nas últimas quatro semanas, o hotel se transformou em algo totalmente diferente: uma fortaleza. Um destacamento da equipe antiaérea austríaca fechou com tábuas cada janela, revirou cada cama. Reforçaram a entrada, abarrotaram a escadaria com caixotes de munição. O quarto andar do hotel, cujas sacadas ajardinadas estão voltadas para as muralhas, tornou-se o ponto de apoio de um desgastado canhão antiaéreo calibre 88 de alta velocidade, capaz de disparar projéteis de dez quilos a uma distância de quinze quilômetros.

“Sua Majestade” é como os austríacos chamam o canhão, e na semana que passou os homens cuidaram dele com a mesma dedicação que abelhas operárias dispensariam a uma rainha. Proveram-no com óleo, repintaram o cano, lubrificaram as engrenagens; dispuseram sacos de areia aos pés da arma como se fossem oferendas.

O régio *acht-acht*, o letal monarca 88, cuja função era protegê-los todos.

Werner está na escadaria, a meio-caminho para o térreo, quando o 88 dispara duas vezes em sequência rápida. É a primeira vez que ele ouve o canhão de tão perto, e soou como se metade do telhado do hotel tivesse desabado. Ele cambaleia e protege a cabeça com os braços. O tremor propaga-se pelas paredes em direção à fundação e depois retorna aos andares superiores.

Werner consegue ouvir os austríacos movimentando-se dois pisos acima, recarregando o canhão, e o zumbido alto dos dois projéteis diminuindo à medida que arremetem acima do oceano, já a três ou quatro quilômetros de distância. Um dos soldados, percebe Werner, está cantando. Ou talvez seja mais de um. Talvez todos estejam cantando. Oito homens da Luftwaffe — nenhum resistirá à próxima hora — cantando uma ode à sua rainha.

Werner segue o fecho de luz de sua lanterna pelo saguão. O grande canhão detona uma terceira vez, um vidro se espatifa próximo dali, torrentes de fuligem trepidam pela chaminé afora e as paredes do hotel reverberam como um sino. Werner teme que o barulho arranque seus dentes.

Escancara a porta do porão e faz uma pausa por um instante, a visão mareada.

— É chegada a hora? — pergunta. — Eles estão realmente vindo?

Mas quem está lá para responder?

## SAINT-MALO

Por toda a cidade, a população remanescente acorda, grunhe, suspira. Solteironas, prostitutas, homens acima dos sessenta anos. Procrastinadores, colaboradores, cétricos, bêbados. Freiras de todas as ordens. Os pobres. Os teimosos. Os cegos.

Alguns correm para os abrigos antibombas. Alguns dizem para si mesmos que não passa de um mero exercício militar. Outros se demoram na busca por um cobertor, um livro de orações ou um baralho.

O Dia D aconteceu há dois meses. Cherbourg foi libertada, Caen, libertada, Rennes, também. Metade do oeste francês está livre. No Leste Europeu, os soviéticos retomaram Minsk; o Exército Clandestino Polonês se revolta em Varsóvia; alguns jornais reuniram coragem suficiente para sugerir que a maré havia mudado.

Mas não aqui. Não nesta última cidadela no extremo do continente, este último ponto de defesa alemão na costa bretã.

Aqui, segundo os cochichos, os alemães reformaram dois quilômetros de corredores subterrâneos sob as muralhas medievais; construíram novas fortificações, novos dutos, novas rotas de fuga, complexos impressionantemente intrincados sob a superfície. Por baixo do forte peninsular de La Cité, do outro lado do rio em relação à cidade antiga, há depósitos de medicamentos, depósitos para munições e até um hospital subterrâneo, ou pelo menos é nisso que as pessoas acreditam. Há ar-condicionado, uma cisterna de água de duzentos mil litros, uma linha direta para Berlim. Há armadilhas equipadas com lança-chamas, uma rede de casamatas com visão periscópica; eles estocaram artilharia suficiente para disparar projéteis em direção ao mar o dia todo, todos os dias, durante um ano.

Aqui, cochicham, existem mil alemães prontos para morrer. Ou cinco mil. Talvez mais.

Saint-Malo: a água costeia a cidade em quatro lados. Sua ligação com o restante da França é tênue: uma ponte, uma restinga, uma língua de areia. Somos cidadãos de Saint-Malo em primeiro lugar, dizem os moradores. Depois, bretões. Franceses, em última alternativa.

Sob a luz da tempestade, seu granito brilha azul. Nas marés mais altas, o mar se arrasta até os porões do centro da cidade. Nas marés mais baixas, as balizas de mil navios naufragados, cobertas de mariscos, despontam na superfície do mar.

Em três mil anos, este pequeno promontório já vivenciou outros cercos. Mas nunca como este.

Uma avó carrega uma criança irrequieta no colo. Um bêbado, urinando em uma ruela nos arredores de Saint-Servan, a um quilômetro e meio de distância, arranca uma folha de papel de um arbusto. “Mensagem urgente para os habitantes desta cidade”, está escrito na folha. “Partam imediatamente para o campo aberto.”

Baterias antiaéreas se iluminam nas ilhas próximas, os grandes canhões alemães na velha cidade emitem uma nova leva de disparos bradados sobre o mar e trezentos e oitenta franceses aprisionados no Fort National, uma ilha-fortaleza a quatrocentos metros da praia, se amontoam perscrutando os céus em um pátio iluminado pelo luar.

Quatro anos de Ocupação, e o estrondo de bombardeiros chegando é o estrondo de quê? Libertação? Extermínio?

O claque-claque dos tiros de pequenas armas. O ribombar da artilharia antiaérea. Uma dezena de pombos empoleirados no pináculo da catedral desce em queda livre e alça voo em direção ao mar.



## RUE VAUBOREL, NÚMERO 4

Marie-Laure LeBlanc está sozinha em seu quarto, sentindo o cheiro de um folheto que ela não consegue ler. As sirenes soam. Ela fecha as venezianas e verifica o trinco da janela. A cada segundo, os aviões se aproximam mais; cada segundo é um segundo perdido. Ela deveria descer correndo. Deveria ir até a cozinha, onde um pequeno alçapão se abre para um porão cheio de poeira, tapetes comidos por ratos e baús antigos, que estão fechados há muito tempo.

Em vez disso, ela retorna para a mesa aos pés da cama e se ajoelha ao lado da maquete da cidade.

Novamente seus dedos encontram as muralhas, o Bastion de la Hollande, a pequena escada que leva para a rua. Nesta janela, na cidade real, uma mulher bate o tapete todo domingo. Desta outra, um garoto certa vez gritou “Olhe por onde anda, por acaso é cega?”

As vidraças das janelas chacoalham nas casas. As armas antiaéreas disparam outra salva de tiros. Faz a terra girar um pouco mais depressa.

Por baixo dos dedos, a miniatura da Rue d’Estrées cruza com a miniatura da Rue Vauborel. Os dedos dela viram à direita; passam levemente por cada porta. Um dois três. Quatro. Quantas vezes ela já fez isso?

Número 4: a casa alta, como um ninho abandonado, de seu tio-avô Etienne. Onde ela mora há quatro anos. Onde ela está de joelhos, sozinha, no sexto andar, enquanto uma dúzia de bombardeiros norte-americanos ruge em sua direção.

Ela pressiona para dentro a pequenina porta da frente, uma lingueta oculta se solta, e a casinha é içada da maquete. Na mão dela, tem o tamanho aproximado do maço de cigarros do pai.

Agora os bombardeiros estão tão próximos que o chão começa a pulsar sob os seus joelhos. Na sala de estar, os pingentes de cristal do lustre repicam. Marie-Laure torce a chaminé da casa em miniatura noventa graus. Depois

desmonta o telhado da casa arrastando seus três painéis de madeira e a vira de cabeça para baixo.

Uma pedra cai na palma de sua mão.

Está fria. Do tamanho de um ovo de pomba. Do formato de uma lágrima.

Marie-Laure segura a pequenina casa em uma das mãos e a pedra na outra. O quarto tem um ar de fragilidade, inconsistência. Parece que dedos gigantes-cos estão prestes a atravessar as paredes.

— Papa? — sussurra ela.